Laurinda Gil Mendes

MARCAS JUDAICAS NO URBANISMO E NA ARQUITECTURA DE PENAMACOR

CÂMARA MUNICIPAL DE PENAMACOR

Edição: Município de Penamacor
Autor: Laurinda Gil Mendes
Fotografia: Helena Duarte
Design gráfico: Vítor Gil
Projecto e coordenação da edição: Joaquim Nabais
Depósito Legal:
ISBN:
2014

Laurinda Gil Mendes

MARCAS JUDAICAS NO URBANISMO E NA ARQUITECTURA DE PENAMACOR

ÍNDICE

5 | Apresentação

7 | Introdução

11 | Cruciformes e seus significados

13 | Mapa da Vila de Penamacor

14 | Imagens das ruas e das habitações onde se localizam os cruciformes e outros elementos

69 | A questão da Judiaria e outras considerações

77 | Em conclusão

78 | Bibliografia e fontes

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é uma tentativa de assinalar as marcas que ainda persistem de um determinado património edificado, que ao longo dos anos tem sofrido as alterações próprias da passagem do tempo, dos gostos e das modas, e que, mais cedo ou mais tarde, tenderão a desaparecer por completo. Felizmente, o que resta ainda nos permite registar e salvaguardar parte desta memória do nosso passado.

Dividimos este exercício em dois momentos. Precedido por um mapa da Vila, o primeiro momento apresenta imagens de todas as fachadas de habitações, que conseguimos detectar, em cujas ombreiras estão gravados cruciformes de diferentes traços, tamanhos e formas, indicando o número da porta e o nome da rua onde se localizam, ao mesmo tempo que registamos também outros elementos, interiores e exteriores, que complementam o trabalho, além de uma vista geral da própria rua, onde podemos observar o seu traçado mais ou menos irregular, adoçando-se à topografia local. No segundo momento, permitimo-nos incluir alguns locais e/ou situações que consideramos de interesse, alguns reportando para o período de maior recrudescimento urbanístico de Penamacor, os séculos XVI e XVII, certamente muito à custa da instalação de judeus expulsos de Espanha.

Anima-nos a ideia de que este exercício, essencialmente fotográfico, possa induzir à reflexão e, ao mesmo tempo, contribua, ainda que de forma modesta, para avivar a memória de um passado que enriquece a nossa história, com base na inventariação de elementos reveladores da presença judaica.

Ficam os agradecimentos ao vice-presidente da Câmara, António Cabanas, à vereadora da cultura, Ilídia Cruchinho, pela sugestão e pelo incentivo que prestaram à concretização deste projecto, e ao presidente António Luís Beites Soares, a cuja vontade se fica a dever esta edição. Bem-hajam também Maria Helena Duarte, Cecília Costa, Ana Isabel Valente, Cláudia Sofia Vilela, Olga Gonçalves, Vitor Gil e Joaquim Nabais pelos contributos de cada um.

Laurinda Gil Mendes

INTRODUÇÃO

Pelos diversos estudos levados a cabo sobre esta temática na região, concluímos que também em Penamacor já existiam judeus muito antes da expulsão massiva de Castela, na última década do século XV. Mas é desta época que temos mais referências. Uma época em que a rede viária era extremamente deficitária e em que viajar com bens e família pelo país se tornava muito problemático. Por isso, muitos daqueles "novos povoadores" se radicaram em cidades e vilas fronteiriças, como Penamacor, contribuindo para o seu crescimento populacional e também económico, estabelecendo-se como mercadores, ferreiros, sapateiros, curtidores, tosadores, etc., interagindo com a comunidade local.

À chegada, a primeira prioridade foi certamente o alojamento, que não terá sido suficiente nem corresponderia às suas necessidades de espaço e conforto, entre outros requisitos. Assim que experimentam a tão desejada e necessária tranquilidade dão início à construção de novas casas e novas ruas, tirando partido dos lugares onde se instalam, alterando o espaço urbano da Vila, sem deixarem de assimilar os costumes locais, mas imprimindo características e tendências próprias em termos arquitectónicos e sociais, já referidas por alguns historiadores, investigadores e arquitectos, que as assinalam como sendo elementos da cultura de comunidades sefarditas, nomeadamente o aproveitamento das características morfológicas dos sítios onde se estabelecem, a disposição labiríntica dos arruamentos e compactação das habitações.

A necessidade de mais área habitacional foi razão de se elevarem as casas em um ou mais pisos, ligados, a maior parte das

vezes, por escadaria interior, podendo ocorrer ainda balcões exteriores [pp. 24, 51], um pouco diferentes da arquitectura tradicional, em que o piso térreo se destinava principalmente para acomodar animais domésticos. Frequentemente apresentam portas de ligação interior nas paredes-meias com os edifícios [pp. 18, 65], de modo a possibilitar a fuga em caso de perseguição. Outra particularidade é a assimetria das fachadas, com uma porta larga para o comércio ou oficina e a porta estreita de entrada familiar. Observamos armários embutidos na parede que serviriam para rituais judaicos [p. 65]. Nalgumas fachadas aparecem registos de datas e inscrições [pp. 65, 76], que os actuais proprietários fizeram questão de manter, figuras de animais estilizados, como o Leão da Judeia (?), símbolo de heráldica judaica [p. 32], motivos florais [pp. 22, 32], janelas renascentistas [p. 74], denotando uma certa opulência dos seus proprietários.

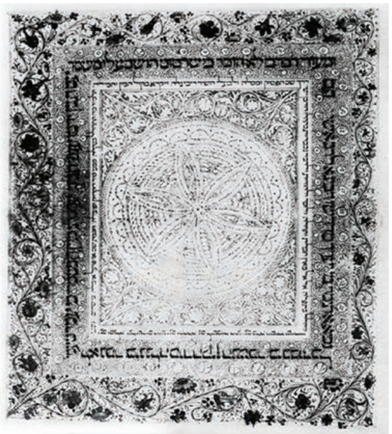
Constata-se, através da qualidade da construção de algumas habitações, que Penamacor foi capaz de atrair e manter pessoas endinheiradas, apesar das grandes distâncias em relação às maiores cidades e portos do país, sabendo-se que o grosso das actividades dos cristãos-novos, a partir do século XVI, se prendia ao comércio marítimo.

Edifícios com as características acima referidas encontram-se lado a a lado com outros de idêntico traçado, mas já rebocados, pintados ou totalmente reconstruídos à maneira "moderna".

Salvo raras excepções [pp. 22, 32] não encontramos imagens esculpidas para além das gravações dos cruciformes nas ombreiras das portas, estas geralmente com arestas internas biseladas, o que terá possivelmente a ver com o Segundo Mandamento Bíblico "Não façam imagens de nenhuma coisa que há em cima, ou aqui em baixo na terra, ou águas debaixo da terra" (Êxodo 20: 4). Contudo, apesar das proibições, os judeus arranjaram sempre forma de se expressar artisticamente nos seus manuscritos, que por vezes se apresentavam ricamente ilustrados, de que são exemplo os manuscritos contidos numa monografia existente no Arquivo Municipal de Penamacor, alguns dos quais se reproduzem nestas páginas.

Também nos rituais judaicos são utilizados objectos de cariz religioso com maior ou menor pendor artístico. Por exemplo, na entrada da casa colocavam a "mezurá", pedaço de pergaminho muitas vezes guardado numa caixa decorativa, compreendendo a oração judaica "Shemá Yisrael", que começa com a frase "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é só um". Era geralmente afixada no batente da porta para cumprir a "mitsvá", mandamento bíblico que manda inscrever as palavras do Shemá nos umbrais da porta de casa (Deuterônómio 06:09), podendo ir também, segundo algumas interpretações da lei judaica, nas portas de cada sala.

Muitos objectos e peças artísticas encontram-se em vários museus do mundo e muito particularmente nos museus judaicos, como, por exemplo, no de Belmonte. A verdade é que os judeus puderam exercer a sua criatividade artística sem restrições, se não tanto pelas artes plásticas, particularmente na literatura, no canto e na música. Diz Ramalho Ortigão que "Para cada povo



a história dos seus monumentos é a história da sua individualidade, porque não há monumento artístico que não traduza, mais ou menos directamente, a acção intelectual e política da sociedade que o concebeu". Coincidência ou não, a vila de Penamacor sofreu um grande impulso a nível arquitectónico entre finais do século XV até ao século XVII, período em que aqui aportaram muitos judeus endinheirados e desejosos de "comprarem" o seu sossego.

As igrejas de S. Tiago e da Misericórdia, edificadas por volta de 1500, reflectindo o grande movimento cultural da época, o Renascimento, e, certamente, algum poder económico que advinha do comércio da pimenta da Índia, poderão não andar muito desligados da vontade dos judeus se fazerem passar por bons cristãos, através de generosas contribuições. Mas, isto, é claro, são conjecturas nossas.

A estratégia política, económica e cultural de D. Manuel I repercutiu-se um pouco por todo o país e fez de Portugal uma das nações mais ricas de então. Esferas armilares aparecem em vários monumentos de Penamacor: Torre de Menagem, antiga Casa da Câmara e Igreja da Misericórdia. Sob o reinado do malogrado D. Sebastião é construído o Convento de Santo António em 1571, com fortes influências renascentistas, quando Portugal já começava a sentir algumas dificuldades económicas e tensões de vária ordem, que brevemente iriam ter o seu desenlace na perda da Independência, com a subida ao trono de Filipe II de Espanha, que unifica a Península Ibérica.

CRUCIFORMES E SEUS SIGNIFICADOS

Dos aspectos já enunciadas comummente tidos como denunciadores da presença dos judeus, os cruciformes são sem dúvida dos mais invocados. Porque tal facto encerra em si um aparente paradoxo, e porque este trabalho radica essencialmente no inventário possível de cruciformes, importa aqui tecer algumas considerações prévias.

Símbolo cristão, a cruz, nas suas diversas representações, é, antes de mais, um sinal de afirmação de fé no seio da própria comunidade religiosa, utilizado para louvar a Deus ou como elemento de efeito protector. A entrada em cena da Inquisição e subsequente perseguição dos judeus originou vários tipos de situações, de onde resulta a expulsão de uns, a auto-expatriação de outros ou, em maior escala, a conversão forçada, dando origem aos denominados cristãos-novos. A conversão ao cristianismo não só não significava o reconhecimento pleno dos direitos cívicos dos conversos, como também instilaria um sentimento discriminatório no seio de uma sociedade dominada por cristãos-velhos, onde a superstição e o preconceito se aliavam não raras vezes à inveja e à cupidez perante o sucesso e bem-estar alheios. As denúncias ao Santo Ofício por heresia, fundadas ou infundadas, converteram-se num expediente vulgar a que recorriam autoridades, vizinhos e até familiares movidos por obscuros desígnios ou simplesmente pelo medo.

Neste contexto, a gravação de cruzes nas ombreiras das habitações pode ser entendida como uma forma permanente de reafirmação pública da aceitação da fé e das práticas religiosas cristãs por parte de indivíduos que se sentiam perseguidos e inseguros devido à sua condição de judeus, tivessem ou não renegado a fé mosaica, e nesse caso, independentemente de outros significados, revela-se também como um sinal de medo.

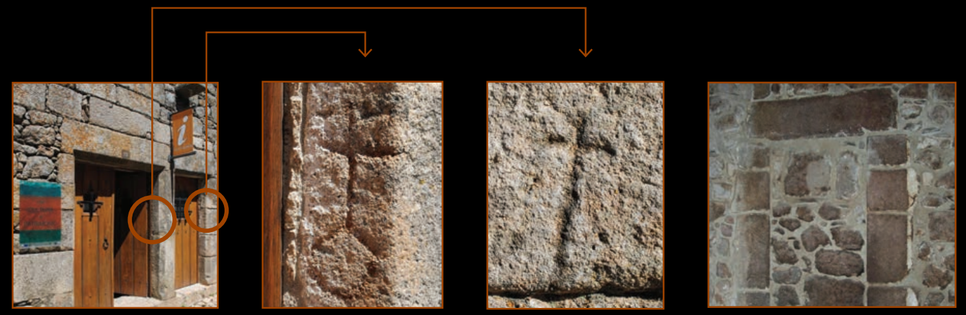
Distribuição dos cruciformes e de mais características apontadas como indiciadoras da presença de judeus no contexto da malha urbana da vila.

Rua de Santa Maria

nº 5 - 7

Casa com características comerciais

Cruz em relevo no canto superior da ombreira direita de porta biselada. Apresenta-se bastante regular e espessa.
Cruz: 16 x 12 cm



nº 19 - 21 A B C

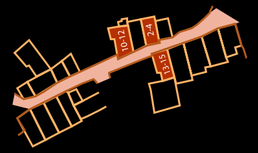
Casa com características comerciais.

Cruz A – Cruz de base triangular aparentando um semi-círculo na parte inferior.
Cruz: 20 x 13 cm.

Cruz B – Cruz simples na ombreira direita.
Traço de gravação irregular e pouco escavado com braço quase imperceptível.
Cruz: 17 x 10 cm.

Imagens C – Uma das duas portas, mais tarde entaipadas, existentes no 1º piso, que davam para os dois edifícios contíguos.

Rua de S. Pedro



nº 2 - 4 A B

Casa com características comerciais

Cruz A – Cruz simples na ombreira direita. Traço de gravação irregular e pouco escavado com braço quase imperceptível.
Cruz: 13 x 10 cm.

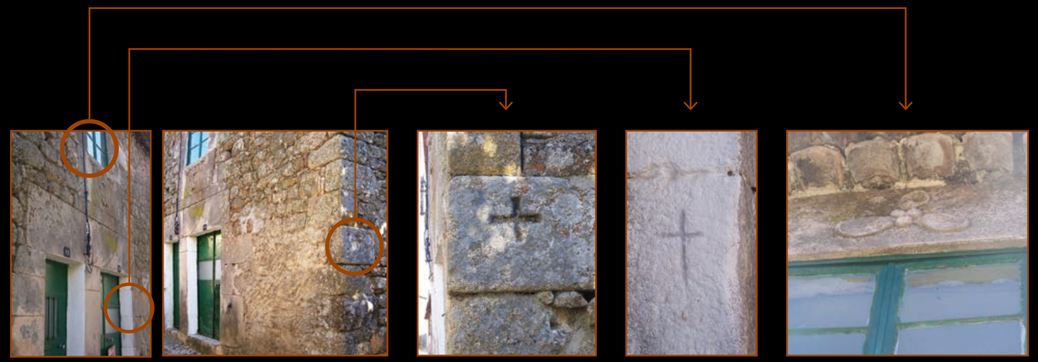
Cruz B – Cruz numa parede, no interior da casa, pouco perceptível inserida em meio círculo.

nº 10 - 12

Casa com características comerciais

Cruz simples na ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação pouco regular e escavado.

Cruz: 13 x 14 cm.



nº 13 - 15 A B

Cruz A – Cruz numa pedra da esquina de tipo templária.
Cruz: 14 x 15 cm.

Cruz B – Cruz simples na face interior da ombreira direita. Traço fino e regular. A base apresenta hastes pouco perceptíveis.
Cruz: 10 x 6 cm.

Na mesma casa, por cima da janela, um motivo floral (?).

Largo de S. Pedro

nº 7 — A — B

Duas cruzes, uma na ombreira direita (A) e outra na esquerda (B) .
Cruz A – Quase imperceptível com traço de gravação fino e regular.

Cruz: 11 x 9 cm.

Cruz B – Traço de gravação pouco regular e escavado. Apresenta hastes nas terminações e um círculo pouco perceptível na base.

Cruz: 9 x 5 cm.

Travessa de S. Pedro

nº 2

Casa com características comerciais.

Cruz envolta em círculo pouco perceptível na ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação fino e regular. Apresenta hastes nas pontas de terminação.

Cruz: 22 x 19 cm.

Rua do Relógio

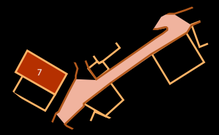
s/n

Porta de acesso a um quintal

Cruz simples com letra (?) numa pedra que integra o muro, provavelmente deslocada de uma casa de habitação. Traço de gravação escavado e irregular.

Cruz: 5 x 6 cm.

Rua José Nunes Petronilho

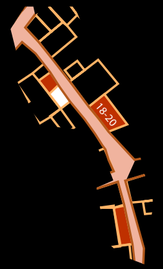


nº 7

Cruz na ombreira direita. Traço de gravação escavado e irregular. Os braços terminam com hastes bem definidas. O braço direito e o inferior desenham cruzes menores.

Cruz: 18 x 14 cm.

Rua D. Sancho I



nº 18 - 20

A

B

Casa com características comerciais.
Na base da janela uma roseta (?) ladeada por duas cabeças de animal fantástico (leão?) talvez símbolos mágico-religiosos.

Cruz A – Cruz simples na ombreira esquerda. Traço de gravação irregular e pouco escavado.

Cruz A: 18 x 8 cm.

Cruz B – Cruz simples na ombreira direita. Traço de gravação irregular e pouco escavado. A base apresenta uma haste horizontal.

Cruz B: 8 x 9 cm.

C

D

E

F

Imagem C – Parte de trás. Porta no piso inferior que parece fazer a união entre duas casas.

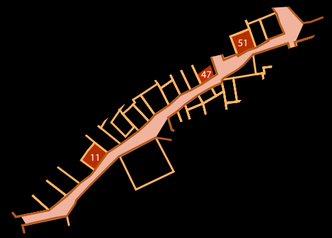
Imagem D – Num nível mais elevado outra porta que comunica para as ruínas de uma dependência da casa.

Imagem E – Duas portas que comunicariam para uma dependência da mesma habitação ou de outra casa.

Imagem F – Duas portas num nível inferior com comunicação para outra dependência da casa.

NOTA: A leitura deste edifício é difícil devido ao estado de degradação em que se encontra.

Rua de Campos



nº 11

Cruz junto a actual janela. Provável reutilização da pedra onde se inscreve. Traço de gravação regular e bastante escavado. Apresenta pequenas hastes nas pontas de terminação. Base em meio círculo com traçado irregular no lado direito.

Cruz: 20 x 10 cm

nº 47

Cruz na ombreira direita de porta biselada. Traço de gravação fino e bastante escavado. Apresenta pequenas hastes nas pontas de terminação. Base escavada de forma irregular.

Cruz: 11 x 8 cm.

nº 51

Cruz na face interior da ombreira esquerda. Traço de gravação pouco escavado e irregular. Na ponta superior apresenta uma haste longa a curvar para a esquerda e na parte inferior a curvar ligeiramente para a direita.

Cruz: 9 x 7 cm.

Rua do Forno

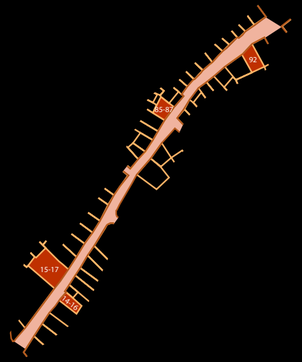
nº 1

Cruz na base de um vaso em pedra adossado à parede do lado esquerdo junto à janela. Traço de gravação em relevo, espesso e bem definido.

Cruz: 19 x 18 cm.

Rua Miguel Bombarda

(Rua de Carros)



nº 14 - 16

Cruz na face interior da ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação pouco escavado e regular. A parte superior termina com hastes e a base com terminação triangular.

Cruz: 18 x 7 cm.

nº 15 -17

Cruz simples na ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação muito pouco perceptível e irregular.

nº 85 - 87

Cruz simples na ombreira esquerda. Traço de gravação pouco escavado e irregular.

Cruz: 10 x 5 cm.

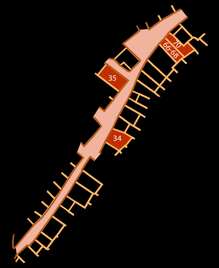
nº 92

Casa com características comerciais

Cruz simples na ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação pouco perceptível.

Cruz: 9 x 5 cm.

Rua Egas Moniz



nº 34

Cruz simples na face interior da ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação escavado e pouco regular. O braço direito pouco perceptível.

Cruz: 8 x 7 cm.

nº 35

Cruz simples na face interior da ombreira esquerda. Traço de gravação irregular pouco escavado. Base com hastes pouco perceptíveis.

Cruz: 11 x 7 cm.

nº 66

Cruz na ombreira direita de porta biselada. Traço de gravação escavado e irregular.

Cruz: 12 x 8 x cm.

nº 70 A B

Cruz A – Cruz simples na ombreira do lado direito. Traço de gravação pouco escavado e irregular.

Cruz: 10 x 8 cm.

Cruz B – Cruz simples entre a porta e a janela. Traço de gravação escavado e irregular. Na base meio circulo pouco definido.

Cruz: 9 x 7 cm.

Rua da Piçarra

nº 14 - 18

Cruz na ombreira esquerda. Traço de gravação irregular e pouco escavado. Terminação superior da cruz com braço horizontal.

Cruz: 18 x 11 x 6 cm.

nº 28

Cruz na ombreira esquerda de porta biselada do nº 28 da Rua do Açougue, que faz parte do prédio 14/18 da Rua da Piçarra. Traço de gravação irregular pouco escavado. A terminação inferior apresenta um círculo irregular.

Cruz: 14 x 11 cm.

Esquina da Rua Piçarra com a Rua do Açougue

nº 30

Cruz na ombreira direita. Traço de gravação bastante regular na parte superior e bastante escavado. Terminação inferior sob uma base mal definida.

Cruz: 15 x 11 cm.

Travessa da Piçarra

Duas cruzes simples na ombreira direita de porta biselada.

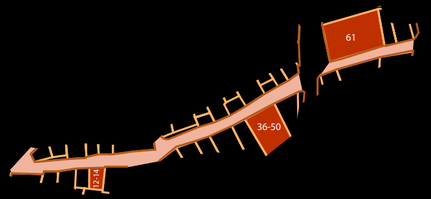
Cruz A – Traço de gravação irregular bastante escavado.

Cruz: 15 x 11 cm.

Cruz B – Traço de gravação irregular e pouco escavado.

Cruz: 10 x 5 cm.

Rua António Nunes Ribeiro Sanches



nº 12 - 14

Cruz simples quase imperceptível na ombreira esquerda de porta biselada
Traço de gravação regular e fino.

Cruz: 9 x 8 cm.

nº 36 - 50

36

50

Nº 36 – Duas cruzes simples nas faces interiores das ombreiras esquerdas de portas biseladas. Traço de gravação regular e pouco escavado. A cruz inferior apresenta hastes na ponta direita.

Cruz: 17 x 10 cm e 21 x 11 cm.

Nº 50 – Duas cruzes simples de linha vertical contínua na ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação regular e pouco escavado.

Cruz: 30 x 8 x 5 cm.

nº 61

Uma cruz simples na face interior da ombreira esquerda. Traço de gravação pouco escavado. Pouco perceptível o braço esquerdo da cruz.

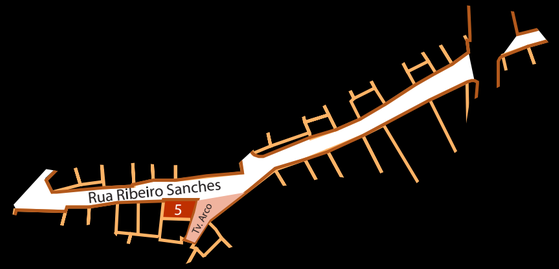
Cruz: 8 x 5 cm

Travessa do Arco

nº 5

Cruz na face interior da ombreira direita. Traço de gravação irregular e pouco escavado. A base e a parte superior com formas pouco definidas.

Cruz: 14 x 9 cm.

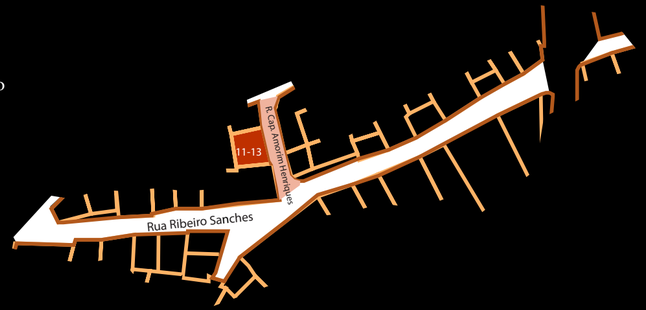


Rua Capitão Amorim Henriques

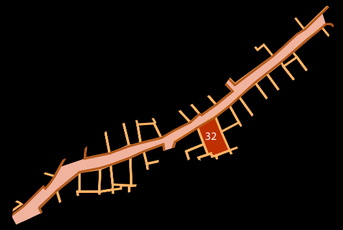
nº 11 - 13

Cruz simples quase imperceptível na ombreira direita de porta biselada. Traço de gravação pouco regular e pouco escavado.

Cruz: 8 x 5 cm.



Rua Sacadura Cabral



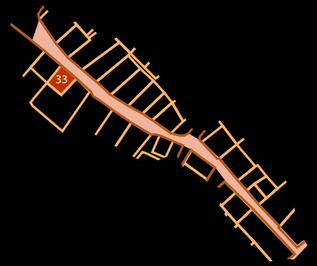
A – Cruz simples na ombreira direita de porta biselada. Traço pouco pronunciado. Na base um círculo mal definido.

Cruz: 13 x 9 cm.

B – Cruz simples na ombreira esquerda de porta biselada. Traço de gravação escavado e bastante regular. Na base, quase imperceptível, um triângulo.

Cruz: 12 x 9 cm.

Rua do Taborda



nº 33 — A — B — C

Observam-se duas datas:
E – 1619 e R – 1788

Imagem A – Ao subir as escadas de acesso ao 1º piso observa-se uma porta entaipada que dá para as traseiras de outra casa.

Imagem B – Armário de Altar (?)
NOTA: O Sr. Manuel Marques, empreiteiro, informa que ao fazer obras na casa teve de limpar com máquina de pressão este local para retirar o que seriam vestígios de fumo.

Imagem C – Logo a seguir à porta entaipada observa-se o altar no topo da escada, no 1º andar.

Rua Vale da Carapuça

nº 6 — A — B — C

Antiga taberna

As imagens A, B e C foram tiradas do interior da casa completamente degradado e em vias de desabamento. A planta é geometricamente irregular. A um canto encontra-se uma pequena escadaria e o tecto é baixo.

Largo Tenente Júlio Rodrigues da Silva

s / n

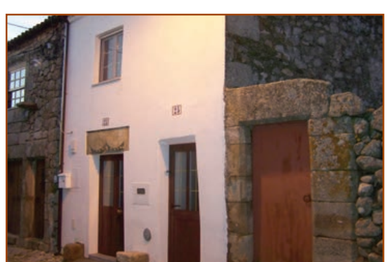
Porta no edifício do Ex-Quartel

Cruz gravada numa pedra na ombreira direita. Traço de gravação bastante regular e escavado.

Cruz: 18 x 11 cm.

Eis um caso em que a cruz se assume como símbolo cristão, sem ambiguidades, já que se inscreve num edifício construído de raíz para fins hospitalares, comprovadamente gerido por frades da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

A QUESTÃO DA JUDIARIA E OUTRAS CONSIDERAÇÕES



Os judeus estiveram sempre presentes. De algum modo, foram tomados como colaboradores na luta contra o mouro "infiel" pelos nossos primeiros reis, que deles se valeram tanto no aspecto administrativo como no aspecto financeiro. Talvez até por isso se possa explicar uma certa animosidade e desconfiança com que sempre foram olhados pela restante sociedade, sintomas de alguma segregação que teve na instalação das judiarias o melhor exemplo.

Não sabemos se em Penamacor existiu em algum tempo judiaria. Dada a condição de terra de fronteira, áspera e cronicamente falta de gentes, não nos é difícil acreditar numa certa harmonia reinante entre credos e raças, pelo menos até aos primeiros sinais de intolerância verificados no século XV, ou mesmo depois da instalação em Portugal do Santo Ofício, apesar dos numerosos processos movidos contra os judeus de Penamacor. Tão pouco sabemos se alguma vez existiu qualquer local de culto público – sinagoga – anterior ao século XV (a partir daqui torna-se improvável), mas certamente que as práticas cultuais nunca deixaram de ser exercidas dentro de portas.

Em cima: O Largo de Santa Maria, local onde se erigiu a primeira igreja matriz da vila, encontra-se hoje muito descaracterizado, despojado das primitivas construções circundantes.

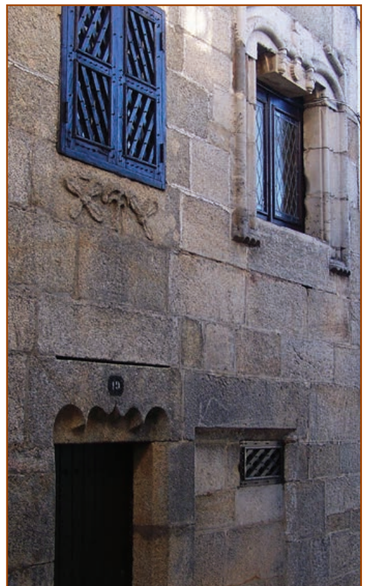
Em baixo: Rua de Santa Maria, por onde, entrando pela principal porta da vila, se acedia à alcáçova, situada a nascente.

Observando a carta da vila [p. 15], onde se assinalam as ruas com maior proliferação daquelas características apontadas como indícios da presença de judeus, verificamos que se conformam nitidamente três núcleos distintos. O primeiro ocorre no perímetro medieval, onde, curiosamente, e atendendo sempre àqueles elementos denunciadores, as casas se situavam nas principais artérias do burgo. Pese embora a ideia defendida por alguns de que seria impensável o estabelecimento de judeus em locais tidos como centrais nos aglomerados urbanos, não nos custa a crer que em Penamacor tenha mesmo acontecido. O que consideramos o segundo núcleo estende-se pela encosta norte em direcção à antiga Rua de Carros, actual Miguel Bombarda, e vai até à travessa da Piçarra.

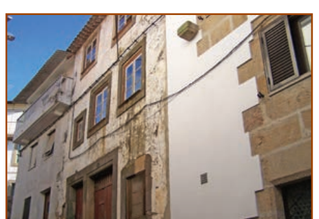
Em cima: Largo de São João. Como na generalidade das cidades e vilas do país, as igrejas e ermidas fora de muros elevavam-se ao ritmo da expansão dos próprios lugares. Levando em conta a pervivência dos topónimos, por esta zona existiria, ainda em finais do século XVIII, uma igreja ou capela justamente denominada de S. João Baptista.

Em Baixo:
Casa no Largo de S. João onde é visível a data de 1620.

Sem outros aprofundamentos que não a observação cuidada dos perfis das ruas e fachadas dos edifícios, onde com alguma frequência se inscrevem datas e alguns, raros, apontamentos esculpidos, tendemos a concluir que o século XVI foi um período de forte expansão urbanística, em relação directa com o movimento dos judeus em fuga do reino vizinho, muitos dos quais aqui se terão fixado.



Casa nº 19 da rua D. Sancho I. Ainda que neste caso não exista qualquer data gravada, todos os elementos arquitectónicos nos reportam para o século XVI. Atente-se no acabamento do aparelho bem talhado, sinal de poder económico dos proprietários, e ainda na cruz, como que uma necessidade de afirmação do credo dos moradores, em linha com os pressupostos já abordados. Outro facto digno de nota: é nesta mesma rua que se situa o prédio nº 18 e 20 descrito na páginas 32 e 33.



A actual rua da Misericórdia terá sido desde sempre o principal acesso ao reduto medieval. Compreende-se isso não só pela orientação da mais importante porta de entrada no recinto, mas também tendo em conta o curso da principal artéria de penetração em Penamacor, que ia da Porta de St.º António à Porta de Carros, com passagem pelo Alto da Praça, largo contíguo à igreja de Santiago e encruzilhada de direcções, a partir da qual se acedia ao castelo. Nesta mesma rua ou nas suas imediações se situaria o antigo hospital de São Lázaro, também chamado da Gafaria, anterior a 1567, segundo informação veiculada pelo vigário Ascêncio de Carvalho, em 1758.

Rua da Misericórdia, hoje certamente de aspecto muito diferente daquele que apresentaria há poucas décadas atrás, com edifícios de compleição "moderna" a alternar com as antigas fachadas.

A vertente oés-noroeste, que começa a desenhar-se a partir da rua do Padre Mestre, indicia ser aquela que, desde cedo, concentrou o grosso da actividade comercial e ofícios da vila, e também um maior número de habitações destacáveis pelas suas dimensões e boa construção. Foi aqui, no extremo poente, a rasar o muro do forte moderno abaluartado, que se viria a instalar o Real Hospital Militar de S. João de Deus, e era também aqui que se situava a igreja ou capela de Santo Estêvão, entretanto demolida na sequência das sucessivas obras de adaptação do hospital a Quartel Militar.

Em cima, ao fundo: Largo no topo da rua de Santo Estêvão, onde a igreja do mesmo nome tinha assento na partilha do actual logradouro do ex-Quartel com a Rua de Santo Estêvão (foto M. Fonseca. Início séc. XX).

Em Baixo: Inscrição na fachada do prédio 36 e 37 da Rua de Santo Estevão, datada de 1622, com a frase: LOUVADO SEJA O SANTÍSSIMO SACRAMENTO. Simples devoção? Acto denunciador do desejo de integração social e de reconhecimento de um estatuto? Subterfúgio para aplacar velhas desconfianças?

Superstição e religiosidade sempre andaram a par e passo. A pobreza, a doença, a guerra e a ausência de instrução eram campo propício para a fértil imaginação de populações ministradas no temor ao elemento sobrenatural instilado por obscuros doutrinadores. Neste contexto se compreenderá a proliferação de igrejas, capelas e capelinhas da religião dominante pelos bairros e descampados circundantes das povoações. Em meados do século XIX ainda existiam em Penamacor oito templos que não tardariam em desaparecer: Santa Maria, São João, Santo Estêvão, São Sebastião, São Domingos, Espírito Santo, São Braz e São Lázaro.

Em cima: Largo de São Braz. Os topónimos tradicionais podem constituir-se em excelentes auxiliares para uma leitura do passado. Não custa a crer que este Largo de São Braz mais não seja que a memória da desaparecida capela do local.

Em baixo: Local da antiga Porta de Carros e, ao fundo e à direita, a rua do Mártir São Sebastião. Ascêncio de Carvalho, vigário da paróquia de Santa Maria em 1758, dava a existência da capela do mesmo nome a sessenta e seis passos fora da dita porta. Já antes, em inícios do século XVI, Duarte d' Armas a havia representado nos seus desenhos das fortalezas, precisamente na altura em que o culto ao Santo protector contra a peste se começava a difundir em Portugal, motivando o aparecimento de numerosas ermidas nas imediações das localidades.

A construção do convento de Santo António teve início em 1571. Os motivos invocados para a sua fundação encontramo-los no "Livro Quinto da Chrónica da Província da Soledade"dos frades capuchos de São Francisco, no capítulo "Do Convento de Santo António da Villa de Penamacor". Diz o cronista que "como a vila de Penamacor é situada em terra áspera e seca (...) poderiam os seus moradores sentir falta de espiritual doutrina", motivo por que os principais dela pediam em carta ao Ministro Provincial, Frei Masseu de Elvas, "fossem os religiosos a salvar as almas daquele povo". A localização é também justificada de forma curiosa, contrapondo a defesa militar da "praça bem fortificada e defendida da parte do nascente com o seu castelo cidadela", à protecção divina proporcionada pela localização do convento do lado poente, ainda que fora de muros.

Em cima: Aspecto da fachada do Convento de Santo António, de serena compleição clássica.

Em baixo: O claustro, quadrangular, de dois pisos e de pequenas dimensões, não deixa de transmitir aquele mesmo equilíbrio de proporção e harmonia evidenciado na fachada da igreja.

EM CONCLUSÃO

Penamacor sempre teve judeus, já o dissemos, e, em consequência das perseguições que lhes são movidas a partir dos reinos vizinhos, já ao longo século XV, que conduziu ao aumento exponencial do seu número em terras portuguesas – calcula-se que esse número tenha quintuplicado –, terão mesmo atingido uma expressão considerável em termos demográficos, representando um papel importante na economia local.

Reflexos disso mesmo são os numerosos processos inquisitoriais já inventariados contra os judeus de Penamacor – mais de uma centena – , situação que permite antever a larga dimensão da comunidade de ascendência judaica. Apesar de tão elevado número de processos, diga-se, em abono da verdade, que nenhum dos conhecidos conduziu à fogueira, ficando-se as penas mais pesadas pela prisão, degredo e confiscação de bens.

Não nos parece que, ao contrário do que aconteceu noutras localidades, designadamente em Belmonte, tenha havido em Penamacor alguma tentativa de resistência séria à "cristianaização", sob o ponto de vista da criação de movimentos colectivos organizados de carácter clandestino, antes se nos afigura que tenha prevalecido o desejo de uma vida de paz e tranquilidade, depois das provações passadas.

Para concluir, diríamos que, não sendo a vila propriamente o jardim do Éden, os judeus encontraram aqui um porto de águas relativamente calmas, onde, a pouco e pouco, a poder de receios e penitências, acabaram por se integrar plenamente na comunidade religiosa predominante, não restando hoje, para além da onomástica – matéria de investigação nada despicienda – outros vestígios que não os aqui tratados.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

ACTAS DAS PRIMEIRAS JORNADAS DO PATRIMÓNIO JUDAICO DA BEIRA INTERIOR. Trancoso, Belmonte: Trancoso, Belmonte, Câmara Municipal, 2008, p. 87. Avaliação e reflexão sobre processos de reabilitação por Elisabete Martins Robalo

ACTAS DAS PRIMEIRAS JORNADAS DO PATRIMÓNIO JUDAICO DA BEIRA INTERIOR. Trancoso, Belmonte: Trancoso, Belmonte, Câmara Municipal, 2008, p. 55-79. Judaísmo e arquitectura vernácula civil na Beira Interior por José da Conceição Afonso

ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira – *Arquitectura neomedieval portuguesa: 1780-1924.* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1997, 1 vol.

CANELO, David Augusto – *O resgate dos marranos portugueses.* Belmonte: ed. David Augusto Canelo, 1996

CARVALHO, Joaquim Barradas de – *A la recherche de la specificité de la Renaissance portugaise.* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1983, 2 vol.

FERRO, Maria José Pimenta – *Os Judeus em Portugal no Século XIV*. Lisboa: Guimarães ed., 1979

GUERRA, Luíz de Bívar – *Inventário dos processos da Inquisição de Coimbra (1541-1820).* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural português, 1972

GUICHARD, François – *Porto, la ville dans sa région: contribution a l'étude de l'organisation de l'espace dans le Portugal du nord.* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1992, 2 vol.

GODINHO, Vitorino Magalhães – *Les Finances de l'État Portugais des Indes Orientales (1517-1635): (matériaux pour une étude strcturale et conjecturelle).* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1982

HENRIQUES, Helder – *O Convento de Santo António de Penamacor: Um Contributo para a sua História.* Câmara Municipal de Penamacor, 2007

MENDES, Laurinda Gil – *Os Judeus de Penamacor e a Inquisição*: Câmara Municipal de Penamacor, 2010

METGER, Thérèse – *Les manuscrits hebreux copiés et décorés à Lisbonne dans les dernières décennies du XVe siècle.* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1977

MUCZNIK, Lúcia Liba – *Dicionário do judaísmo português.* Coord. De José Alberto R. S. Tavim ...[et al.]. 1ª ed. Lisboa: Presença, 2009

NAHON, Gerard – *Les «nations» juives portugaises du sud-ouest de la France (1684-1791): documents.* Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1981

SAA, Mário – *A invasão dos judeus.* Lisboa: [s.n.], 1926

SARAIVA, António José – *O crepúsculo da Idade Média em Portugal.* 5ª ed. Lisboa: Gradiva, 1998

SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal.* Mem Martins: Europa-América, 1995

NET:

LE PAYS LE PLUS ACCUEILLANT POUR LES JUIFS, DU HUITIÈME AU DOUZIÈME SIÈCLES, A ÉTÉ L'ESPANHE. Trad. et adapt. Jacques Kohn [Em linha]. Paris : ADCC, 2008- .[Consult. 18 Nov. 2010]. Disponível em WWW <URL : http://www.lamed.fr/index.php?id

WIKIPÉDIA – Judeus em Portugal [Em linha]. [S.l.]: Wikipédia, 2001- .[Consult. 19 Nov. 2010]. Disponível WWW:<URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Judeus_em_Portugal

PORTAL DE TRANCOSO ARQUITECTURA JUDAICA NA BEIRA INTERIOR [Em linha]. Trancoso: [S.n.], 2006- .[Consult. 24 Nov. 2010]. Disponível WWW:<URL: http://www.portaldetrancoso.net/newscomment.php

JUDAÍSMO E ARQUITECTURA QUINHENTISTA NA BEIRA INTERIOR DE PORTUGAL [Em linha]. Lisboa: Auditório da sede nocional da ordem dos Arquitectos, 2006- .[Consult. 3 Dez. 2010]. Disponível http//Beiramedieval.blogspot.com/2006/12/judaísmo-e-arquitectura-quinhentista-na.html

TURISMO SERRA DA ESTRELA [Em linha]. Covilhã, [s.n.], [200?]- .[Consult. 9 Dez. 2010]. Disponível em WWW:<URL: http://www.rt.serradaestrela.pt/

JEWISH TOPOGRAPHIES: VISIONS OF SPACE, TRADITION OF SPACE [Em linha]. USA, UCLA,]2007]- .[consulta 10 Dez. 2010]. Disponível http://books.google.pt/books?id=GGDDCm-4VKkC&pg=PA438.lpg=PA43&dg=jewish+architecture+in+portugal&.source=bl&ots=L5mli45Pbx&sig=CcPTonlkLLR6pOiGt-OlcFDGFgU&hl=pt-PT&ei=XLX3TIfHB4ix8QOK4fT4Cg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=8&ved=OCE4Q6AEwBw#v=onepage&q&f=false

eea grants

REDE de JUDIARIAS de PORTUGAL

MUNICÍPIO DE PENAMACOR

ARQUIVO MUNICIPAL PENAMACOR